

Maria de Fátima Matos da Silva

**O CASTRO DE CRISTELO:
Apontamentos para o seu estudo**

**Separata dos Cadernos de ARQUEOLOGIA e PATRIMÓNIO
Edição da Câmara Municipal de Paredes de Coura
Gabinete de Arqueologia e Património
1992**

O CASTRO DE CRISTELO: Apontamentos para o seu estudo*

Maria de Fátima Matos da Silva
*Técnica Superior do Instituto de Arqueologia da
Universidade Portucalense*
Responsável pelo G.A.P. - Área de Arqueologia

Sommaire: L'auteur fait le point de la situation par rapport à ce que, à ce moment, on connaît du hameau fortifié nommé Cristelo et situé sur le mont de S. Sebastião, dans la paroisse de Cristelo.

Au-delà de l'étude du "Castro", datable de l'Age du Fer mais fort romanisée, on fait l'analyse de plusieurs matériaux tels que: des haches de bronze, de la céramique variée, des moulins rotatifs et d'une pierre d'autel.

Summary: The author reports what is now known about the fortified settlement of Monte de S. Sebastião (Cristelo). This Iron Age-Roman settlement is studied such as several artifacts that were found in it.

Introdução

O Castro de Cristelo é um dos povoados fortificados mais conhecidos do concelho de Paredes de Coura, emparceirando com a Cividade de Romarigães e a de Cossourado. Contudo, a sua divulgação é muito pequena, sendo apenas citado por Abel Viana (VIANA, 1926, 89 e 1932, 161), Lopes de Oliveira (OLIVEIRA, 1976, 23) e Armando C. Ferreira da Silva, (SILVA, 1986, 71, Nº 64).

Este facto é estranho uma vez que são deste local os únicos materiais arqueológicos que se conhecem, provenientes de um povoado na área superior da bacia do rio Coura.

Neste artigo descrevemos o povoado e algum do seu espólio, como sejam: fragmentos de cerâmica doméstica e de construção, de ambiência romana, provenientes de prospecção de superfície e outro material, encontrado em épocas anteriores, nomeadamente três machados de bronze, várias mós e uma ara.

Este estudo é, pois, um ponto de situação em relação ao que actualmente se conhece deste povoado fortificado, designado de Cristelo, situado no Monte de S. Sebastião.

Localização

O povoado fortificado de Cristelo situa-se no lugar de S. Sebastião, na freguesia de Cristelo, concelho de Paredes de Coura e distrito de Viana do Castelo.

O topónimo S. Sebastião deve-se ao facto de o monte ser encimado por uma pequena capela (à qual se refere um artigo deste volume) dedicada a esse santo.

A sua localização é a seguinte (Est. I):

Coordenadas Planimétricas:

GAUSS: X = 166,2; Y = 548,5.

Altitude: 493 metros.

C.M.P.: 1/25.000, Folha Nº15 (1949).

* Desenhos e fotos da autora.

Geologia

O povoado localiza-se, segundo os dados retirados da análise da *Carta Geológica de Portugal* (Folha 1-C, Caminha, Esc.: 1/50.000, 1962), numa mancha de rochas eruptivas, especificamente granito calco-alcálico, porfiróide, de grão grosseiro, também designado granito monzonítico.

Nas proximidades, a NO e N, existem intrusões filonianas de microdiorito quartzífero.

Geomorfologia

Desenvolve-se por uma pequena elevação de encosta abrupta, a Norte, e mais suave, a Sul. No cimo do monte existe um *plateau* de pequenas dimensões, sub-circular (Foto 1). Tem 40 metros de declive, o que se pode considerar muito se comparado com outros povoados de vale, como Romarigães, que têm geralmente menos altitude.

O vale passa a uma cota média de 450 metros.

Grande número de rochedos graníticos espalham-se por todo o monte.

Sobressai na paisagem por ser rodeado de zonas relativamente planas, de vale, sobretudo a Este e Sul, e por socacos, sem grande declive, a Norte e a Oeste.

A rede hidrográfica é abundante na região, sendo o monte contornado pelo rio Coura, a Este e a Norte, com inúmeras linhas de água que aí confluem, e a Oeste pela ribeira do Fundão.

Está implantado numa mancha de solo de tipo C, referente aos solos com aptidão agrícola condicionada, rodeada por uma larga mancha de solos de tipo F, ou seja, com aptidão florestal. A Este localiza-se uma mancha alongada de solos de tipo A, caracterizada por franca aptidão agrícola. Esta mancha, como acontece frequentemente em outras áreas, margina o rio Coura.

Florestação e Povoamento actual

O monte está coberto por densa vegetação rasteira (tojo, urze e giesta) e por abundante vegetação arbórea (pinheiro, videiro e carvalho).

Algumas habitações circundam o monte, estando duas a "invadir" a área do povoado, bem como os estradões e a própria capela que existe no topo. O povoamento é concentrado na base do monte.

Toda a zona agricultada do vale circundante é trabalhada em regime intensivo, em sistema de minifúndio. Caracteriza-se por uma agricultura de subsistência (milho, batata), intercalada com terrenos usados para pastagens.

Contexto arqueológico

Além do próprio topónimo que dá o nome ao Castro - Cristelo - existem vários topónimos de feição arqueológica: lugar da Mó (local onde tem aparecido inúmero espólio romano, nomeadamente cerâmica doméstica e de construção e moedas), Casal, Lagareira, Chã dos Ferros, Cóvinha.

Pelos achados encontrados no vale, que se desenvolve em redor do Castro de Cristelo, podemos aventar a hipótese da existência de uma *villa* romana, tendo sido este Castro, como se deduz pelo espólio, profusamente romanizado.

Acessos

O acesso ao povoado é relativamente bom. É feito por estrada nacional (E.N. 303) e municipal empedrada, que sobe até ao cimo do monte. Recentemente estão a rasgar um estradão que, infelizmente, tem cortado estruturas, nomeadamente um possível pano de muralha.

Descrição

O povoado situa-se no cimo do monte e na sua vertente, sensivelmente entre as cotas 470 e 491, representando esta última a altitude máxima.

As dimensões do recinto não excedem os cem metros de comprimento, sendo um povoado de pequenas dimensões, tal como o monte que o alberga.

A densa vegetação e a grande quantidade de blocos graníticos, de grande porte, não nos permitem uma visualização correcta do perfil do monte. Contudo, vê-se que este é bastante arredondado, possuindo uma pequena planura no cimo. A vegetação e os rochedos impedem ainda a possibilidade de se visionar o local por onde passam as muralhas. No entanto, devem ser duas: uma rodeando a "acrópole" e outra sensivelmente no meio da encosta. O declive abrupto leva-nos a crer que a defesa seria relativamente fácil.

Na zona da "acrópole" existem vários rebaixos nos afloramentos, que indicam o assentamento de uma qualquer estrutura.

Em frente à capela, no afloramento à face do solo, existe um rebaixo circular bastante polido pelo uso. É circundado por quatro orifícios e tem cerca de 4 metros de diâmetro. Provavelmente não se trata de uma "estrutura" coeva.

Nos orifícios deveria encaixar uma estrutura que sustentaria, hipoteticamente, uma cobertura. Os orifícios formam uma figura trapezoidal, de lados muito irregulares (1 x 1,90 x 1,83 x 2,72 metros).

A referida capela foi construída com pedra aproveitada das estruturas do povoado, havendo covinhas em algumas delas. Parece assentar em cima de uma estrutura anterior, tal como o indicam a *patine* da pedra e o facto de a sapata ser, em alguns pontos, mais larga que a parede.

A extracção de pedra nos blocos graníticos é frequente e bem visível por todo o monte.

A encosta, como referimos, muito arbustada, impede a visão da ou das muralhas. No entanto, existem nítidos vestígios de estruturas, provavelmente habitacionais, e muita pedra aparelhada em granito. Existe um pio circular, muito polido, num rochedo a Este.

Tal como o da Giesteira, é um povoado com uma localização extremada, visto não se situar na zona habitual destes, mas um pouco à margem. Localiza-se numa zona de transição entre o vale e a área de montanha, que lhe fica próxima (em Bico e Vascões).

Tem visibilidade directa para o povoado da Giesteira (monumento este inédito, como outros desta área).

Espólio

Ao percorrer-se o monte encontram-se com facilidade inúmeros fragmentos de cerâmica doméstica, nomeadamente fragmentos de dólio, ânfora e de outras vasilhas de

armazenamento e de utilização culinária. Abunda também a de construção (tégula, fíbrice, tijolo), de feição nitidamente romana, bem como muitas pedras aparelhadas. Tem aparecido igualmente cerâmica micácea, alguma com decoração em SSS, de feição "castreja", e cossoiros de fuso. Destes últimos materiais apenas temos conhecimento deles através de relatos.

Ao longo dos tempos foram encontradas várias mós graníticas, dormentes e moventes, estando algumas em posse do Gabinete de Arqueologia e Património da autarquia courense.

Também aqui foi encontrada no princípio do século uma ara, reutilizada mais tarde para fins religiosos, passando assim por um processo de cristianização. Está praticamente ilegível e encontra-se actualmente no Museu Pio XII (1), em Braga.

Nas imediações do povoado detectaram-se três machados de talão, de dois anéis, bifaces, em bronze. Cronologicamente são atribuídos ao período do Bronze Final III (Fase IA da Idade do Ferro) e estão depositados no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa.

Foi-nos várias vezes referida a existência de uma sepultura escavada na rocha, na base do povoado. Contudo, ainda não a localizamos pelo facto de estar tapada com terras.

A - Metal

Os vestígios materiais até hoje encontrados em Paredes de Coura, referentes à Idade do Bronze, são escassos, não podendo, por ora, serem apontados quaisquer povoados, mas sim alguns instrumentos caracterizadores da parte final desta época, como sejam cerca de duas dezenas de machados de bronze.

Foram detectados em diferentes pontos do concelho e, segundo a bibliografia que se lhes refere (Monteagudo, 1977, 167), três são de proveniência desconhecida. Contudo, recentemente descobrimos a sua localização.

Por informação do Sr. Jorge Brandão, morador em Cristelo, conseguimos localizar a proveniência dos três machados de bronze, tidos até agora como aparecidos no concelho de Paredes de Coura, em parte incerta.

Diz-nos que "junto a um pinhal, a nascente do Monte de Cristelo, foram encontrados por uns homens e posteriormente recolhidos pelo meu pai, que os entregou ao então padre da freguesia de Insalde. Eram três e a um deles faltava a parte superior".

Isto passou-se há cerca de 60 anos.

Pela mesma altura foram também entregues ao referido padre, para além dos três machados, "uma pirâmide" em pedra com cerca de um metro, uma ara dedicada a Osiris [?] (provavelmente a que referimos neste artigo) e outros materiais em pedra, nomeadamente mós giratórias e cerâmica vária.

Os machados são de talão, bifaces, de dois anéis, com dimensões semelhantes mas diversas, o que indica moldes diferentes.

A tipologia de L. Monteagudo coloca-os no Grupo 29, do tipo Minho A (29A) - (Monteagudo, 1977).

Por sua vez, Armando Coelho Silva (1986, gráf. 4) situa-os cronologicamente no Bronze Final III (Fase I A da Idade do Ferro), tal como a todos os outros machados aparecidos no concelho.

(1) Agradece-se ao Museu Pio XII, na pessoa do Rev.º Cónego António Macedo, as facilidades concedidas.

Nº1 (Est. II, 1)

Proveniência: "junto a um pinhal, a nascente do Monte de Cristelo".

Tipo: 29 A (Minho A - seg. L. Monteagudo).

Matéria-prima: bronze.

Dimensões (em centímetros):

Comprimento (s/ e c/ cabeção): 20,2 e 23,6;

Largura máxima (aletas): 4,9 e 4,5;

Espessura máxima (espera do talão): 2,7.

Descrição: Machado de talão, biface, de duplo anel.

Lâmina estreita, de gume alargado, curvilíneo, que se encontra fracturado, faltando-lhe os cantos. A lâmina tem nervuras laterais, em ambas as faces.

Talão com ressalto médio elevado e espessado, que continua em abas laterais, também em ambas as faces.

Anéis de secção semicircular.

Conserva o cone de fundição e as rebarbas.

Cronologia: Bronze Final III (Fase IA da Idade do Ferro).

Estado de conservação: bom.

Depósito: Museu Nacional de Arqueologia.

Nº2 (Est. II, 2)

Proveniência: "junto a um pinhal, a nascente do Monte de Cristelo".

Tipo: 29 A (Minho A - seg. L. Monteagudo).

Matéria-prima: bronze.

Dimensões (em centímetros):

Comprimento (s/ e c/ cabeção): 20,7 e 24,6;

Largura máxima (aletas): 5,4;

Espessura máxima (espera do talão): 2,6.

Descrição: Machado de talão, biface, de duplo anel.

Lâmina estreita, de gume alargado, curvilíneo, que se encontra levemente fracturado, faltando-lhe um canto. A lâmina tem nervuras laterais, em ambas as faces.

Talão com ressalto médio elevado e espessado, que continua em abas laterais, também em ambas as faces. Está fracturado sensivelmente a meio.

Anéis de secção semicircular.

Conserva o cone de fundição e as rebarbas.

Apesar de idêntico aos anteriores, é de maiores dimensões e, conseqüentemente, de maior peso.

Cronologia: Bronze Final III (Fase IA da Idade do Ferro).

Estado de conservação: fracturado no talão, mas completo.

Depósito: Museu Nacional de Arqueologia.

Nº3 (Est. II, 3)

Proveniência: "junto a um pinhal, a nascente do Monte de Cristelo".

Tipo: 29 A (Minho A - seg. L. Monteagudo).

Matéria-prima: bronze.

Dimensões (em centímetros):

Comprimento (actual): 14,3;

Largura máxima (aletas): 4,2;

Espessura máxima (espera do talão): 2,3.

Descrição: Machado de talão (que já não possui), biface, de duplo anel.
Lâmina estreita, de gume alargado, curvilíneo, ao qual faltam alguns milímetros porque se encontra fracturado, faltando-lhe os cantos. A lâmina tem nervuras laterais, em ambas as faces.

Talão com ressalto médio elevado e espessado, que continua em abas laterais, também em ambas as faces. Está fracturado logo no início, tendo sido assim encontrado, como referimos.

Anéis de secção semicircular, pequenos.

Conserva as rebarbas de fundição.

Cronologia: Bronze Final III (Fase IA da Idade do Ferro).

Estado de conservação: é o machado em pior estado de conservação. Falta-lhe todo o talão, assim como o gume.

Depósito: Museu Nacional de Arqueologia.

B - Cerâmico

A análise da cerâmica pretende ser descritiva, tanto quanto possível pormenorizada, embora todo o estudo feito da pasta, tratamento das superfícies, cozedura, parta de uma visão macroscópica que, evidentemente, não nos permite um exame rigoroso das peças em questão.

Também a análise morfológica fica incompleta, visto estarmos a tratar de fragmentos e não de peças inteiras.

A cerâmica estudada refere-se, pois, a fragmentos de tipologia romana, sendo cinco bordos e um fundo. Apesar de tratar-se de uma amostra muito pequena, é elucidativa do universo cerâmico que possuímos.

Os diâmetros de abertura variam entre os 15 e os 30 cm e as espessuras médias entre os 6/8 cm e 1,8 cm.

A cerâmica traduz um fabrico em torno, tendo uma textura maioritariamente compacta, no geral bastante dura.

O tipo de cozedura é variável, com dois casos para cada tipo de forno (reductor, oxidante e alternante).

Os tons predominantes são os alaranjados.

Os elementos não plásticos utilizados na generalidade dos casos foram o quartzo e a mica.

O tratamento das superfícies, tanto quanto pudemos apurar, foi feita por alisamento interno e, no caso das superfícies externas, por alisamento, aguada e espatulamento.

A análise morfológica apresenta também bastantes dúvidas, embora possamos verificar que são peças que desenvolvem a sua simetria num eixo vertical, tendo como estrutura dominante provavelmente a saliente.

Os bordos predominantes são os que tomam a forma de espessamento externo ou os rectos. A sua direcção varia entre os reentrantes, salientes e, num caso, rectos (s.v. desenhos anexos).

São de vários tipos: de um dólio (Est.VIII), de um prato (Est.VII), de uma tijela e os outros pertencem a panelas ou potes.

O fragmento de fundo (Est.VI) apresenta-se com um pequeno pé.

As formas côncavas deveriam ter o perfil em S e, o fundo, uma configuração algo troncocónica.

Apenas o fragmento de dólio apresenta uma decoração muito simples (entre o bordo e o colo) em canelura fina, de disposição horizontal e feita com uma punção rombóide.

C - Pétreo

1 - Ara (Foto 2)

Proveniência: "junto a um pinhal, a nascente do monte de Cristelo".

Matéria-prima: granito de grão médio.

Dimensões (em centímetros):

Altura - Total: 76;

Campo epigráfico 31;

Letras: L1: 1: 9; 2: 9,5; 3: 9;

L2: 1: 7; 2: 8;

L3: 1: 10; 2: 6,5; 3: 6;

L4: 1: 9; 2: 5;

Espaços interlineares: 1: 3; 2: 1; 3: 2.

Espessura: 22;

Largura - Total: 28;

Campo epigráfico: 18;

Nº de linhas: 4;

Nº de campos: 1.

Descrição: ara em granito, talhada novamente em forma de pórtico e reutilizada para fins religiosos, como indica o nicho (13 x 7 cm) e a decoração actual. No nicho existem ligações em chumbo.

O campo epigráfico encontra-se rebaixado, com gravação em "V" e com pontos distintivos entre as letras da epígrafe. Estas foram reavivadas, o que se confirma pela irregularidade dos seus tamanhos, dos espaços interlineares e da própria gravação em talhe vincado.

Transcrição: *se·q/fm/b·v·l/so*.

Leitura: "Para além da fórmula V.L./SO, não podemos arriscar nenhum desenvolvimento. O texto, a julgar pela gravação profunda, pela configuração e pelo aspecto do monumento foi certamente renovado na Antiguidade. Não nos é possível esclarecer as infidelidades e erros que daí resultam." (SANTOS, 1983, 16).

Depósito: Museu Pio XII, Braga.

2 - Mós

2.1 - Mó dormente (Foto 3)

Apresenta um grande "umbigo" e está muito polida pelo uso. Conserva-se praticamente intacta.

Matéria-prima: granito de grão médio.

Dimensões (em centímetros):

Diâmetro: 36;

Diâmetro do orifício: 3,5;

Espessura: 16.

Depósito: residência do Sr. Alpoim Brandão.

2.2 - Mó dormente (Foto 4)

Apareceu na vertente nascente do povoado, no quintal do Sr. José Brandão.

Está muito pouco polida, pelo que se deduz que praticamente não foi utilizada. Permanece inteira.

Matéria-prima: granito de grão.

Dimensões (em centímetros):

Diâmetro: 33;

Diâmetro do orifício: 6;

Espessura: 14.

Depósito: Gabinete de Arqueologia e Património.

2.3 - Mó movente (Foto 5)

Está muito pouco polida, pelo que se deduz que praticamente não foi utilizada. Apresenta rebordo, mas só resta metade.

Matéria-prima: granito de grão grosso ("dente de cavalo").

Dimensões (em centímetros):

Diâmetro: 33;

Diâmetro do orifício: 6;

Espessura: 16,5 x 22;

Rebordo (largura): 5,5.

Depósito: Gabinete de Arqueologia e Património.

2.4 - Mó movente (Foto 6)

Apareceu a Oeste do povoado, numa vala destinada à construção de um estradão. Está muito polida pelo uso. Apresenta rebordo, mas apenas resta metade.

Matéria-prima: granito de grão fino, róseo.

Dimensões (em centímetros):

Diâmetro: 33;

Diâmetro do orifício: 7;

Espessura: 12 x 9;

Rebordo (largura): 5,5.

Depósito: Gabinete de Arqueologia e Património.

Nota Final

Pela análise do espólio até hoje encontrado, esporadicamente e/ou fruto de prospecção sistemática, podemos concluir estar na presença de um povoado fortificado, que cronologicamente se pode balizar entre o Bronze Final e a Romanização.

Os machados evidenciam um desenvolvimento da metalurgia do bronze típico desta época e um trabalho provavelmente regional, tal como acontece com muitos outros detectados no Minho português, numa fase de desenvolvimento similar.

A exemplo do que sucede com a maior parte deste tipo de espólio, aparecem-nos com as rebarbas de fundição e com o cone ou cabeção, o que nos indica a sua não utilização.

A sua ocultação nas proximidades de povoados castrejos ou zonas limítrofes, é aqui também um facto.

Em relação aos fragmentos de cerâmica analisados, são documentos típicos da Romanização que, como referimos, foi intensa. Tal facto, confirma-se não só nos achados de superfície, mas também nos cortes estratigráficos deixados pelas valas abertas para construção de estradões, onde maioritariamente se detecta cerâmica de feição romana e pouca "castreja". As mós giratórias e a ara (elemento raro nesta área) são mais um dado confirmativo desta constatação.

Como podemos aferir pelo que foi referido anteriormente, este povoado encontra-se implantado geomorfologicamente numa área com boas potencialidades económicas, factor de primordial importância, ao qual os romanos, "castrejos" e evidentemente, não se aliaram. Assim, o acesso aos recursos naturais (solos para a agricultura e pastagem, recursos hídricos e minerais, nomeadamente o granito e, eventualmente, as argilas) seria facilitado.

A prática da caça e da pesca não seriam muito difíceis, quer pela proximidade do rio, quer pela proximidade da montanha. Tal situação não só permitia a transumância de gados, como ainda a obtenção de recursos naturais (madeira e caça, que ainda hoje perdura).

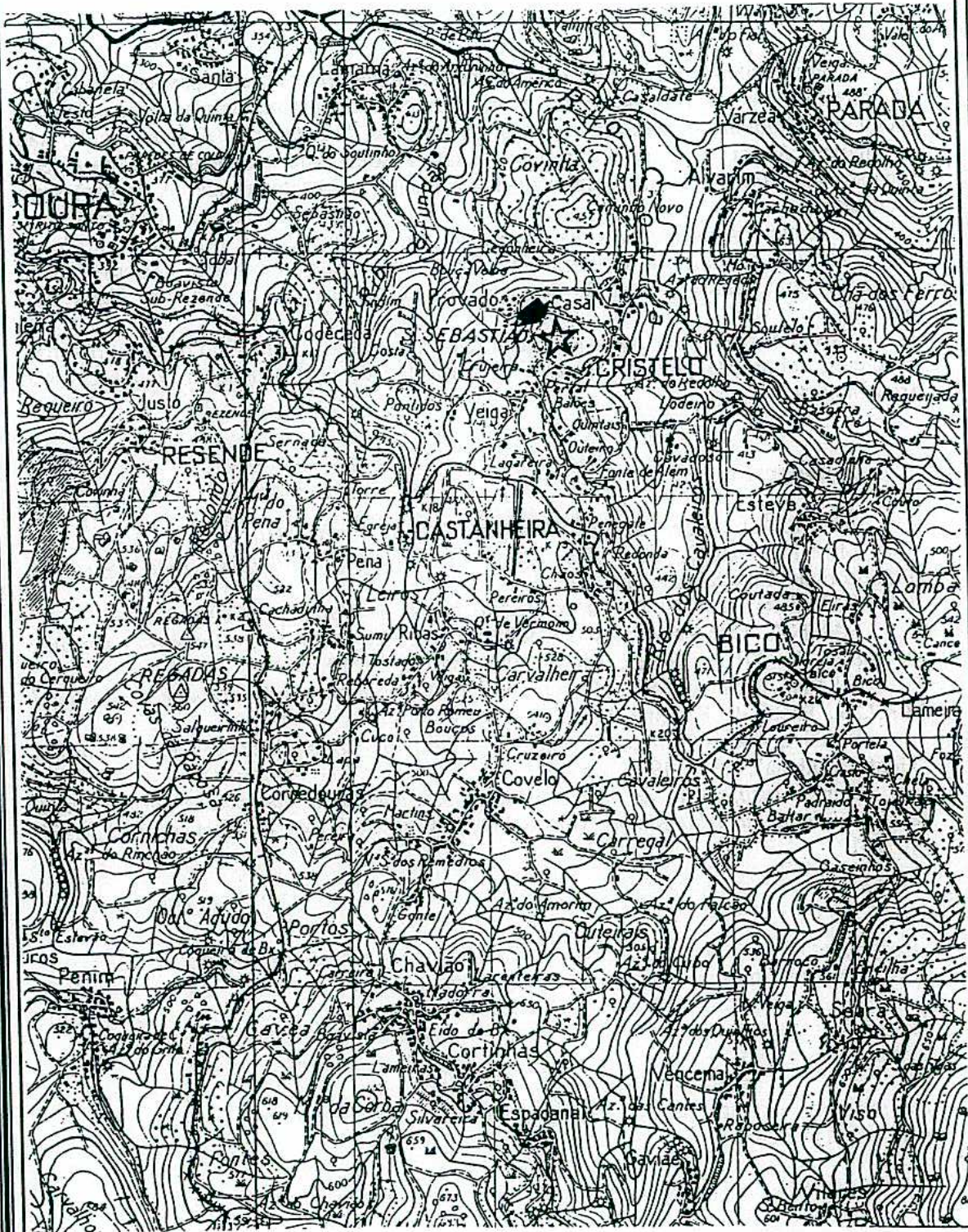
Esperamos em breve poder confirmar todos estes dados, bem como obter outros mais concretos, sobre este povoado, através da realização de uma sondagem e/ou escavação arqueológica.

Bibliografia

- ALARCÃO, Jorge - *Roman Portugal*, Vol. II, Warminster, 1988, nº 1/32.
 MONTEAGUDO, L. - *Die Beile auf Iberischen Halbinsel*, München, 1977, (Prähistorische Bronzefunde, IX, 6).
 OLIVEIRA, A.C. - *Terras de Coura*, Póvoa de Varzim, 1976, pp. 23.
 SANTOS, Luciano A. dos; LE ROUX, P., e TRANOY, A., - *Inscrições romanas do Museu Pio XII em Braga*, Braga, 1983, pp. 16, nº19.
 SILVA, Armando Coelho Ferreira da - *A Cultura Castreja do Noroeste de Portugal*, M.A.C.S., Paços de Ferreira, 1986, pp. 71 (Nº 64).
 VIANA, Abel - *Através do Minho II - A exploração metódica dos nossos Castros, "Gente Minhota"*, nº 6, 1926, pp. 89.
 Idem - *Justificação de um cadastro de monumentos arqueológicos para o estudo da Arqueologia do Alto Minho*, Anuário do Distrito de Viana do Castelo, nº 1, 1932, pp. 161.

ERRATA

pág.:	linha:	onde se lê:	deve ler-se:
37		Silva,	Silva
37	22	estranho	estranho,
40	23	(Monteagudo	(MONTEAGUDO
42	23 e 38	6/8 cm	0,6 cm
42	25	feita	feito
43	33	s e q / f m / b · v · l · s o	SE · Q / FM / B · V · L / SO
44	25	grão.	grão médio.
44	1	utilizada.	utilizada. Aliás o tipo de granito em que foi elaborada não favorecia o seu uso.
	8		-se
45		se	os povos "castrejos" e romanos não se alhearam.
45	2	os romanos, "castrejos"	e
	3 e 4	evidentemente, não se aliaram.	
45		seriam muito difíceis	seria muito difícil



CASTRO DE CRISTELO

CRISTELO - PAREDES DE COURA

C.M.P., Esc.: 1:25.000, Folha nº15, 1949.



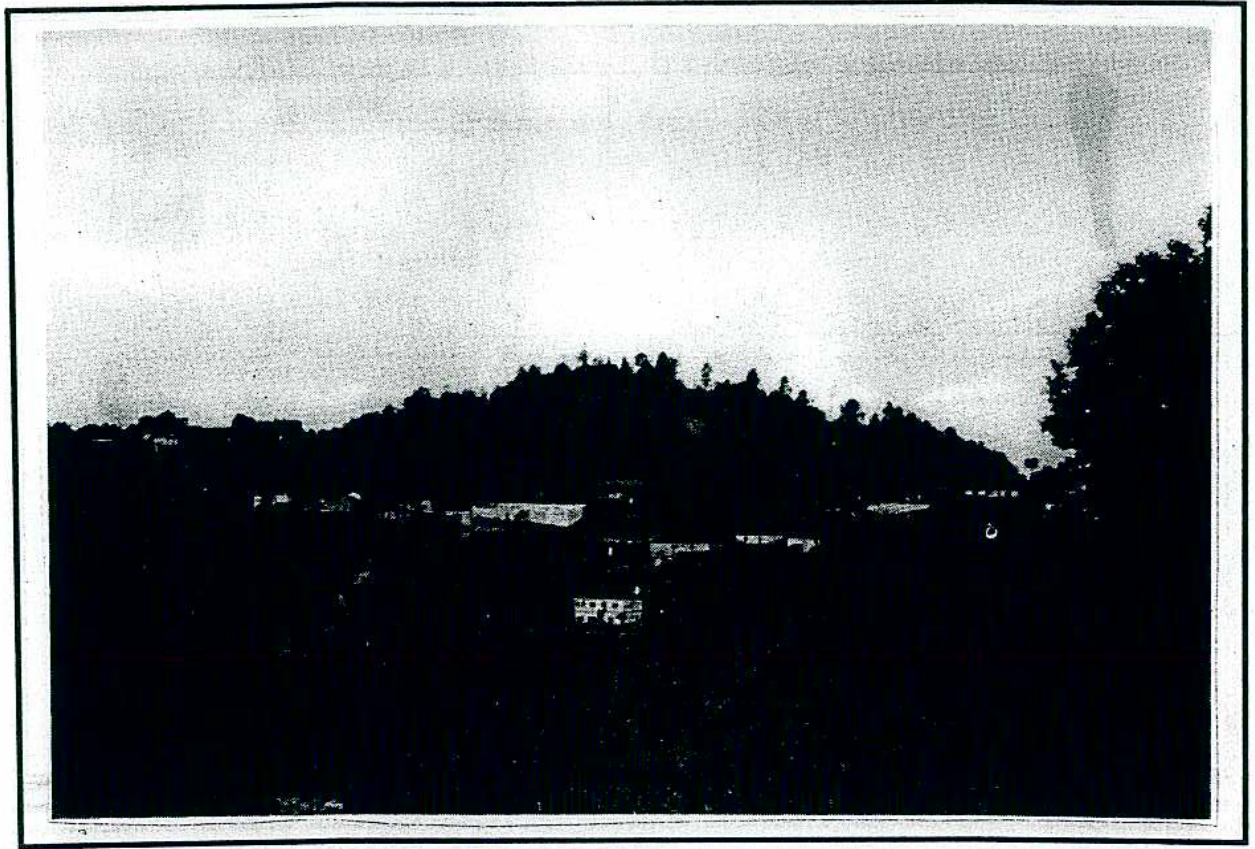
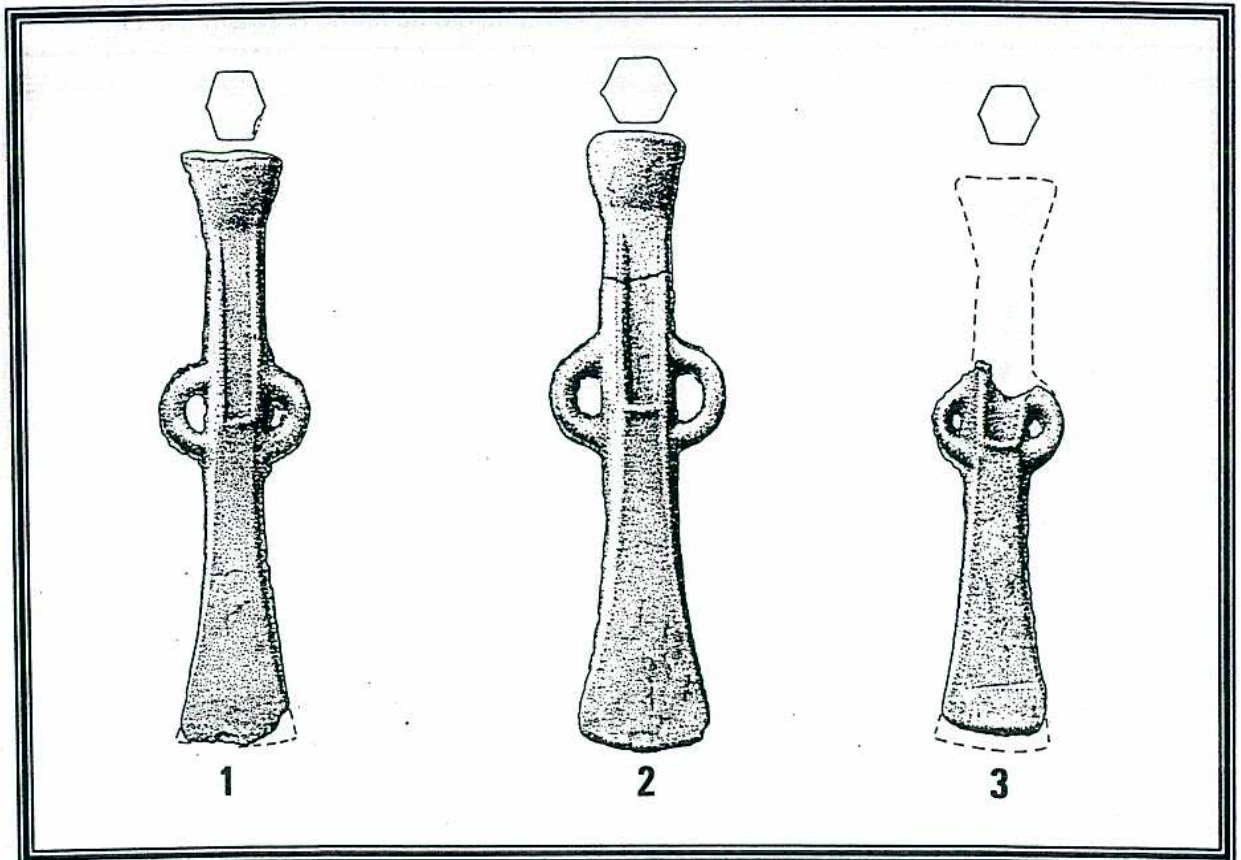
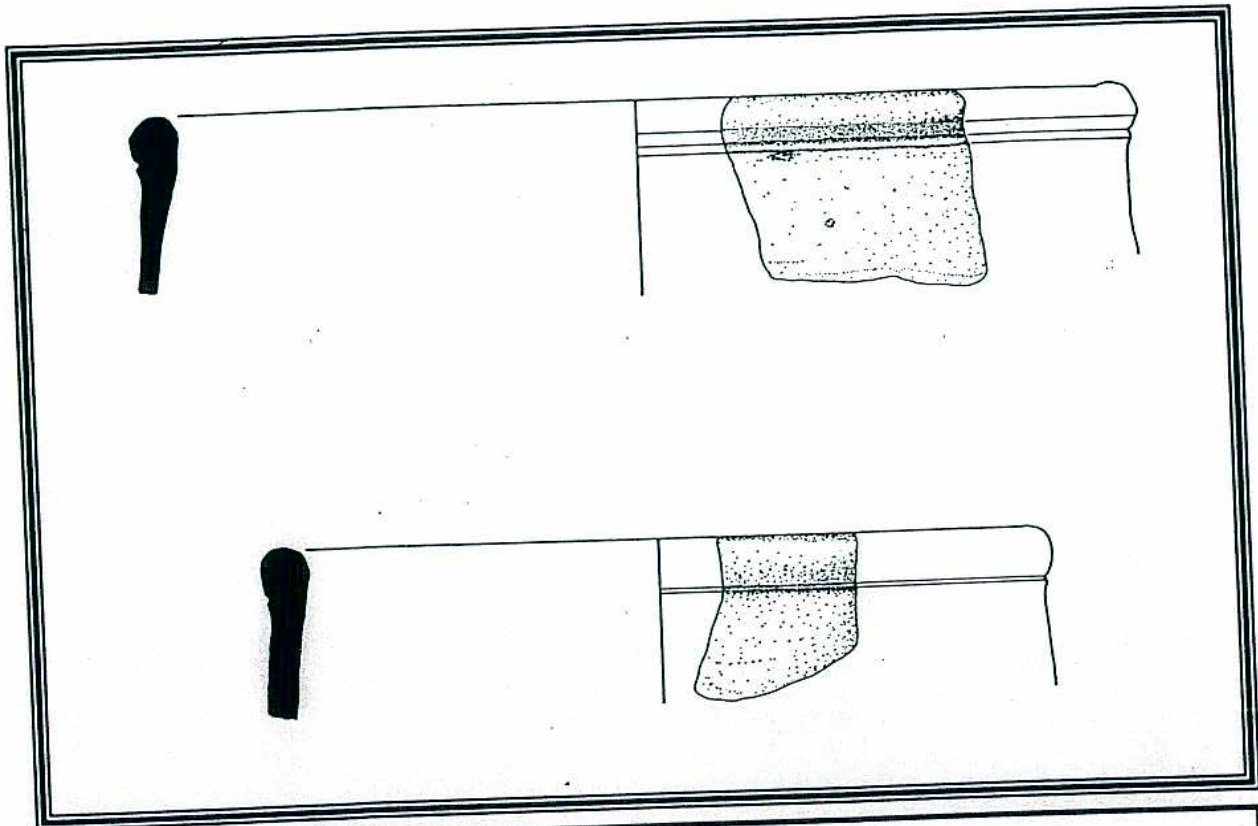


Foto 1 - O Castro de Cristelo, vista Este-Oeste.



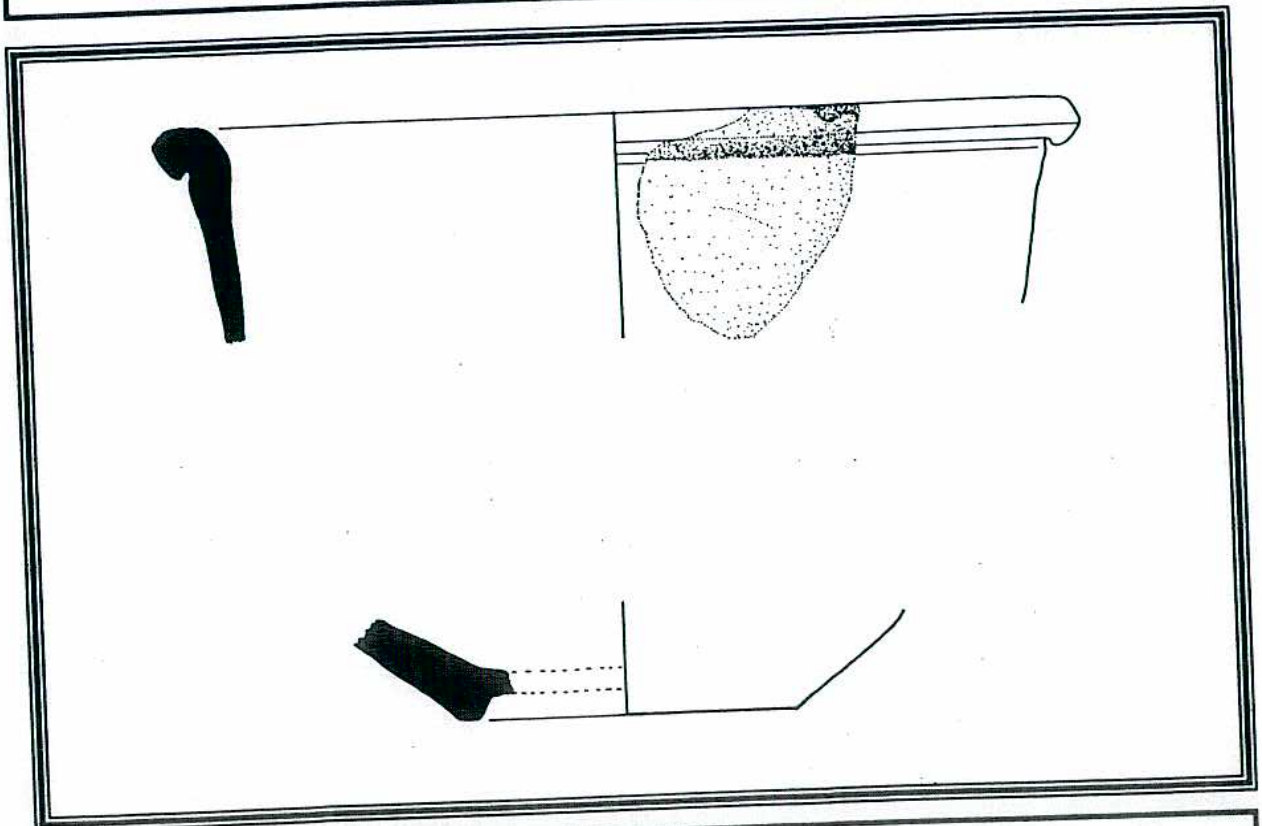
0 15cm

Est. II - Machados de bronze.
(Des. seg. L. Monteagudo)



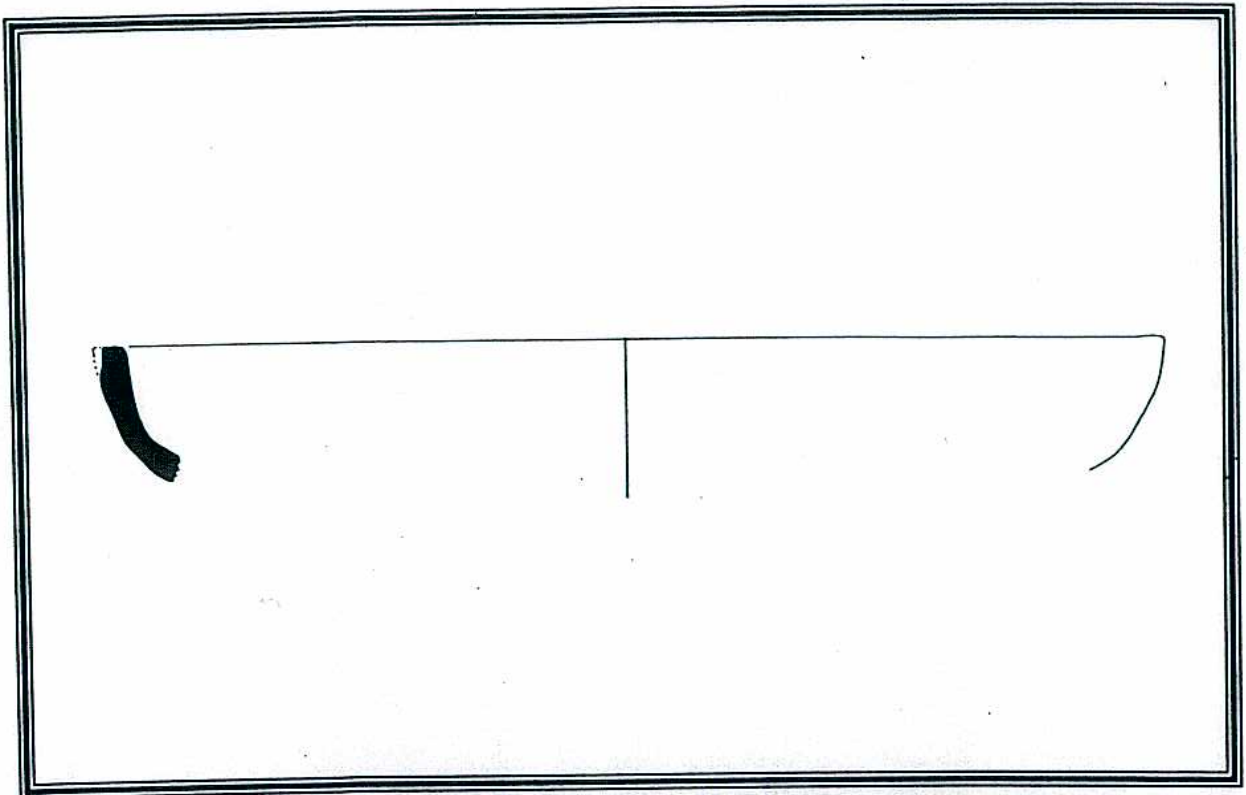
0 5cm

Est. III - Fragmento de bordo (CRIS/90, nº1) e
IV - Fragmento de bordo (CRIS/89, nº2).



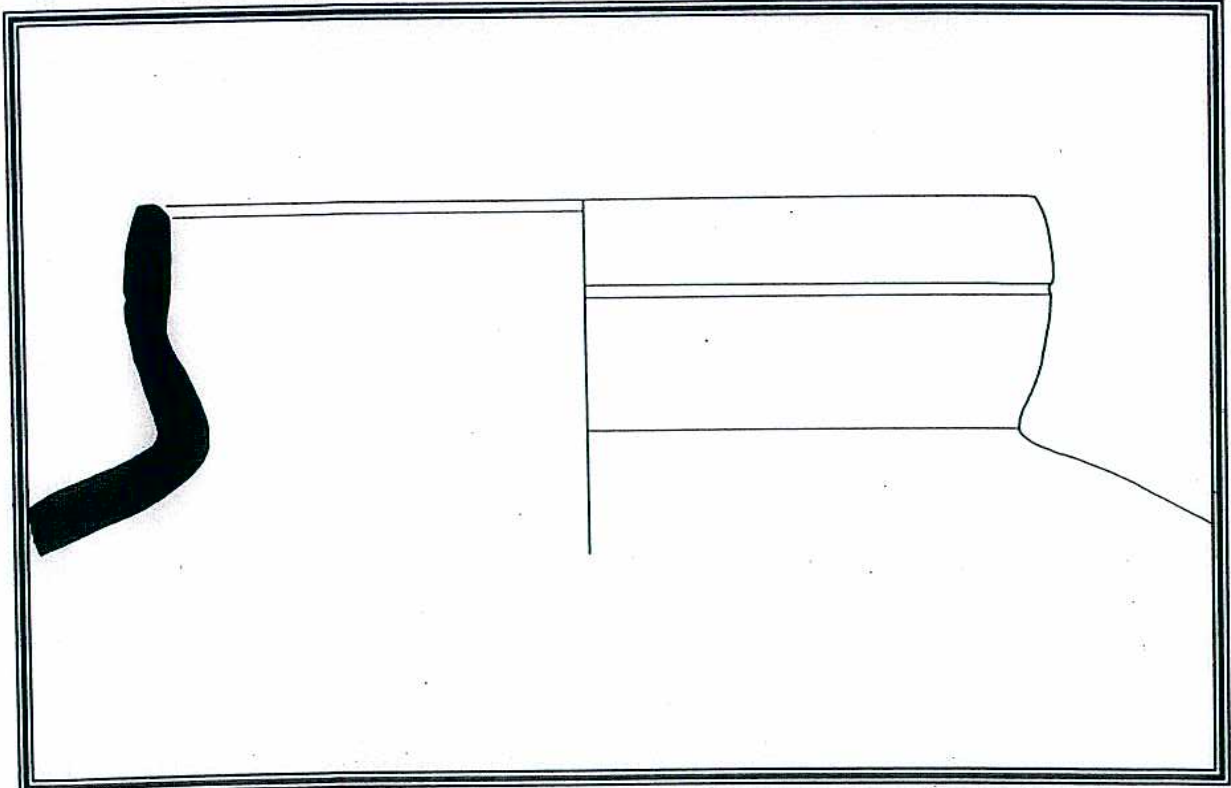
0 5cm

Est. V - Fragmento de bordo (CRIS/90, nº3) e
VI - Fragmento de fundo (CRIS/89, nº5).



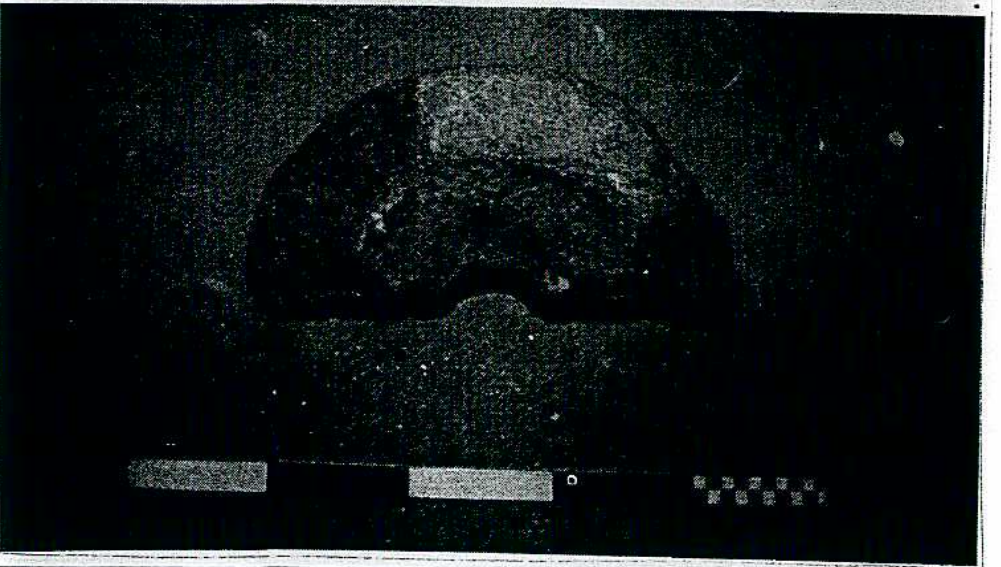
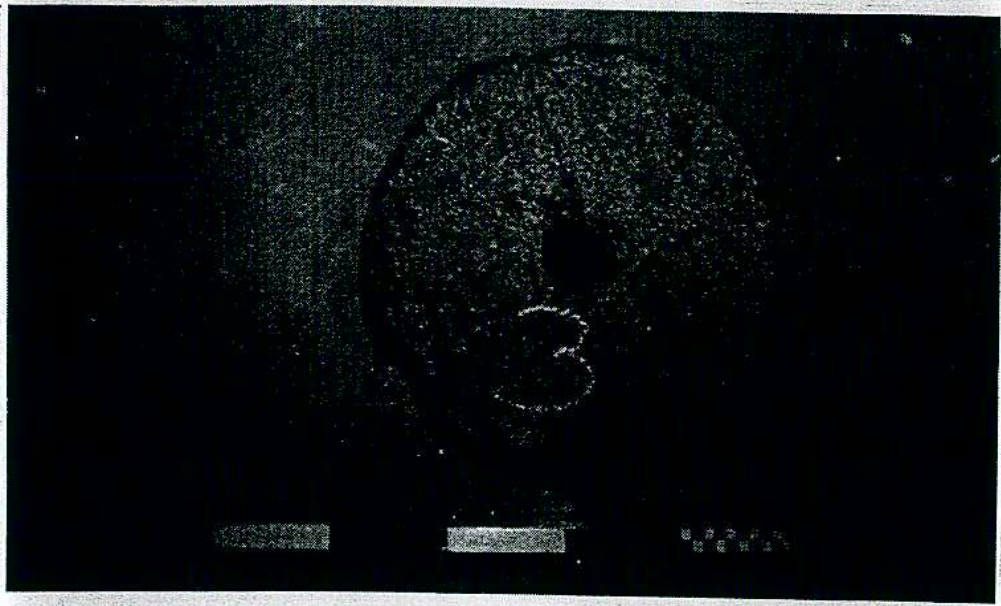
0 3cm

Est. VII - Fragmento de bordo, prato (?) - (CRIS/91, nº4).



0 8cm

Est. VIII - Fragmento de bordo de dólio (CRIS/91, nº6).



Fotos 4, 5 e 6 - Mós Rotativas.

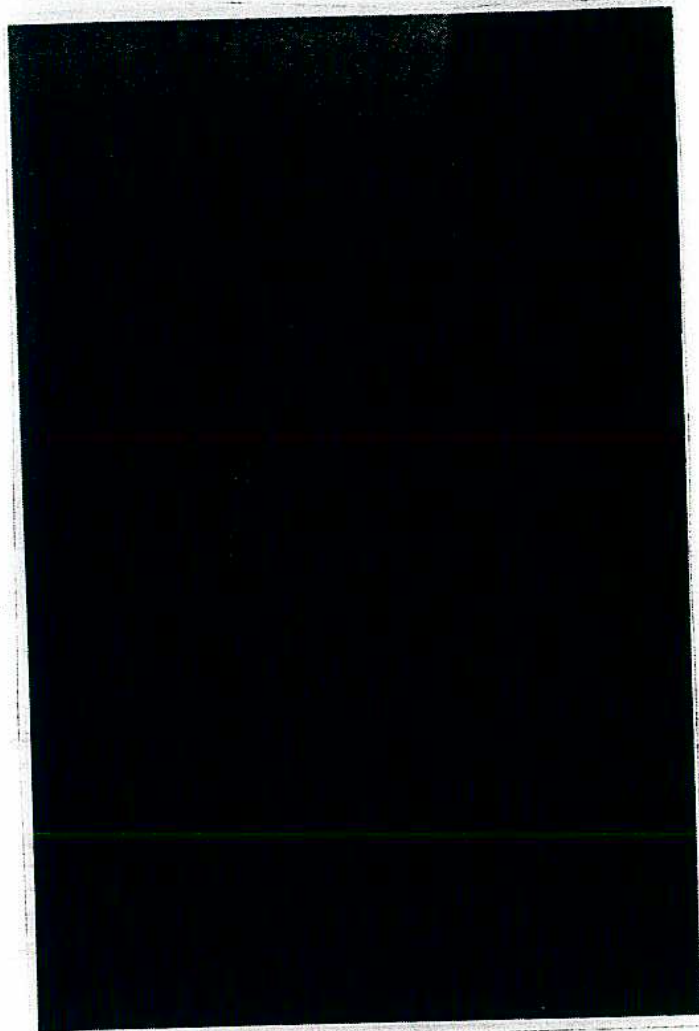
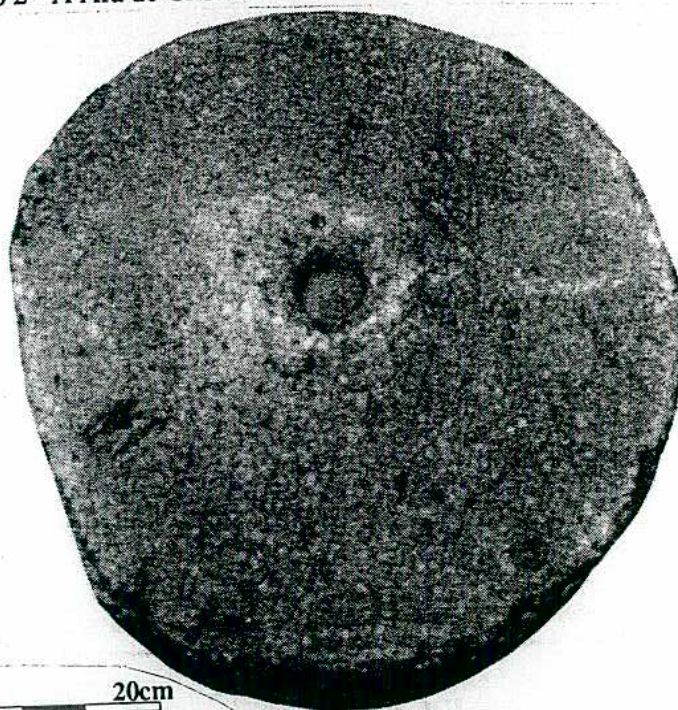


Foto 2 - A Ara de Cristelo



0 20cm

Foto 3 - Mó rotativa, dormente